

POWERS, William. 2012. *O BlackBerry de Hamlet: filosofia prática para viver bem na era digital*. São Paulo: Alaúde.

“*Hamlet’s BLACKBERRY: A Practical Philosophy for Building a Good Life in the Digital Age*” foi traduzido para o Brasil por Daniel Abrão e publicado em 2012 pela Editora Alaúde de São Paulo com o título “O BlackBerry de Hamlet: filosofia prática para viver bem na era digital”. Escrito por William Powers, graduado em História e literatura norteamericana pela Universidade de Harvard, atuou como servidor no Senado americano, foi redator do jornal *Washington Post*. Na primeira semana de publicação, a obra entrou para a lista de *best-sellers* do jornal *The New York Times*. No site do autor e no portal da livraria *Amazon*, o livro também aparece com o título “*Hamlet’s BLACKBERRY: building a good life in the digital age.*”

Temos lido, pesquisado e discutido a respeito da leitura em *tablets* e a influência das tecnologias digitais de informação e comunicação nas escolas. O assunto principal do livro é defender a ideia de que é possível desconectar-se do mundo digital e criar um ambiente de desconectopia, um refúgio ideal onde não seja possível ficar conectado como no atual sedutor mundo digital das telas (*mídias, e-mails, tablets, iphones, smartphones* dentre outros).

Baseado em suas experiências pessoais, o autor apresenta muitos e importantes questionamentos a respeito da influência que as tecnologias digitais provocam nas pessoas atualmente. Viver conectado o tempo todo, via tecnologias digitais, é realmente necessário? Conectar-se ou não, eis a questão! Segundo o autor, construir uma vida boa tem a ver com a maneira como cada um decide pensar e viver. É possível permanecer numa sala em casa ou no local de trabalho, desconectado da multidão digital global, ficar algum tempo num lugar tranquilo e espaçoso onde a mente tenha liberdade para vagar entre os pensamentos, sentimentos e relações com outros seres humanos? Essa sala, no entanto, segundo o autor, em vez de ser na casa da gente, pode ser a rede social, com mais de um bilhão de usuários obcecados em um modo particular de conectividade. Cada pessoa faz a sua escolha!

Associando filosofia a exemplos do dia a dia, William Powers proporciona uma leitura cativante.

O livro está dividido em três partes. Na primeira, o autor faz muitos questionamentos a respeito do enigma da vida em rede, a magia das telas e discute a questão da ocupação do tempo remando na maré do excesso de informações em busca de máxima conectividade. A busca por excelência pede a busca por conectividade e com ela há sobrecarga de informação, apneia de *e-mails* e a nomofobia, dentre outros assuntos do maximalismo cibernético. Esses são alguns dos assuntos abordados pelo autor. “(...) *algumas informações são como vinho, ficam melhores se repousarem um pouco. (...) A vida diante da tela se tornou mais corrida e superficial, um engarrafamento de trânsito mental contínuo*” (p. 54) Segundo Powers, a melhor criatividade humana só se manifesta quando há espaço e tempo mental para pegar um pensamento novo e segui-lo para onde quer que ele leve. No mundo das telas, elas seriam “*instrumentos de liberdade, crescimento, e do melhor tipo de união, como devem ser. A questão é: como será possível fazer isso?*” (p. 68)

Pautando-se na importância das telas para viver em rede no mundo digital e baseando-se nos ensinamentos de sete filósofos, o autor afirma que a “*tela é, de longe, o melhor lugar para divulgar uma mensagem hoje em dia e não há nada de errado nisso. Se a mensagem é que as pessoas estão passando dos limites com as telas, então é preciso estar lá, pois é lá que estão os mais atingidos pelo problema.*” (p. 71). Segundo o autor, é preciso criar ferramentas que ajudem a melhorar e transformar a vida das pessoas, uma nova tecnologia do eu para o mundo digital, pois “*as telas estão no coração da vida profissional e pessoal da maioria das pessoas; afastar-se delas, mesmo que durante metade do dia, significa ficar para trás em todos os aspectos*” (p.72). Novas formas de conectividade criam novos caminhos para a capacidade criativa, segundo o autor. “*Tecnologia e filosofia são ferramentas para a vida, e as melhores ferramentas perduram e continuam úteis durante longos períodos de tempos.*” (p. 79).

Na segunda parte do livro, o autor apresenta ensinamentos de sete filósofos oferecendo todo tipo de respostas e vários temas emergentes. O mais importante, segundo Powers, é a necessidade de encontrar um equilíbrio saudável entre conexão e desconexão, entre público e privado, entre a vida exterior e a vida interior. (p. 183). Nesta nova era decidimos nos manter conectados o tempo todo; não se trata de uma decisão consciente: nós a tomamos sem pensar, sem perceber que haveria outra opção. Sete filósofos

e sete princípios discutidos no atual contexto da era digital: 1. Platão e o princípio do distanciamento; 2. Sêneca e o princípio do espaço interno do eu; 3. Gutenberg e o princípio das tecnologias de introspecção do livro; 4. Shakespeare e o princípio das velhas ferramentas para aliviar a sobrecarga do impresso: a escrita a mão; 5. Franklin e o princípio dos rituais positivos de restrição do tempo e rédeas na vida digital; 6. Thoreau e o princípio da Zona Walden, um espaço isolado, uma casa na árvore; e 7. McLuhan e o princípio de ir para onde o termostato indica “mais frio”, menos poluído, sem muita informação.

Na terceira e última parte, o autor exemplifica situações práticas em busca da profundidade necessária para pensar a respeito da vida e do mundo, do eu e do outro. Repensar a era digital para torná-la mais colaborativa e humana. Propõe e vivencia em família, com sua esposa e seu filho, a desconectopia, ou Sabá da internet: passar o final de semana sem conexão com as redes digitais da internet. Segundo Powers e sua família, *“entendemos aos poucos, de uma forma visceral, o alto custo de estar sempre conectado. Ao mesmo tempo, como agora estávamos distantes da nossa conexão costumeira, demos valor a sua utilidade e passamos a aproveitá-la melhor.”* (p. 200)

O livro destina-se a qualquer pessoa que vive ou não conectada na era digital. Especialmente filósofos, professores, engenheiros, linguistas e pesquisadores das áreas de tecnologias digitais de informação e de comunicação que tenham interesse em responder a um provocante questionamento do autor acerca da tendência natural de imersão no mundo digital: *“O seu tempo diante da tela o ajuda a pensar e a trabalhar melhor? Estreita os laços com seus amigos? Ajuda a encontrar aquele distanciamento e aquele espaço tão necessários? Suas explorações enriquecem sua compreensão do mundo? Você sai em estado de espírito melhor do que quando entrou? Essas questões são todas internas. E, quanto mais tempo gasto na multidão digital, mais difícil respondê-las afirmativamente.”* (p. 120). Será mesmo? Cada leitor está desafiado a responder e pensar a respeito para viver bem na era digital.

Por/By: Acir Mario KARWOSKI
(Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM)
E-mail: acirmario@letras.uftm.edu.br